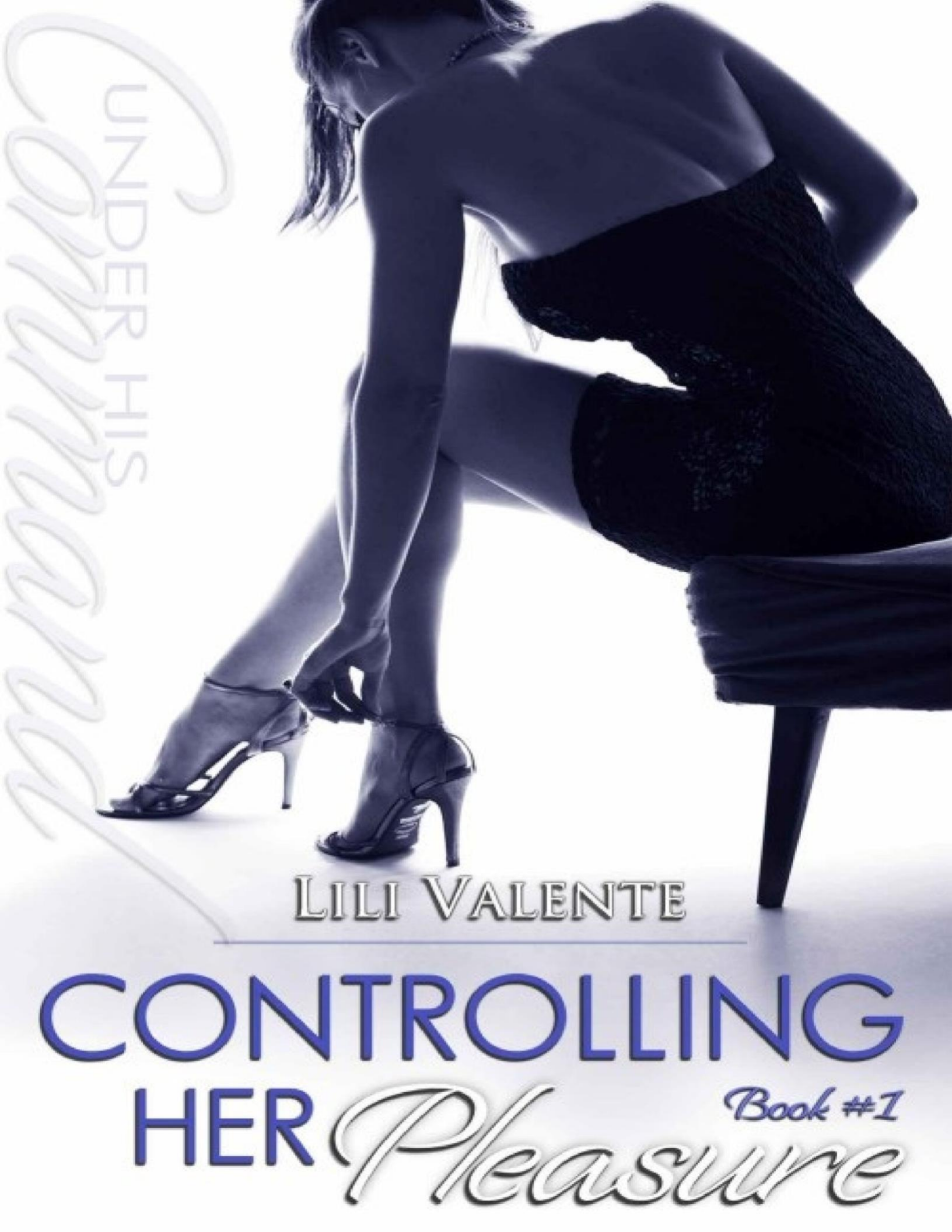

Under His
Lili Valente
Controlling
Her Pleasure
Book #1



Tradução: Seraph Wings

Revisão: Seraph Wings

Leitura Final: Aurora Wings

Formatação: Aurora Wings

Trilogia
Under His Command

WARRIORS ANGELS OF SIN
WAS
TRADUÇÕES









Lili Valente

Sinopse

Blake Roberts tem tudo o que sempre quis, fama, dinheiro e é proprietário da mais quente cadeia de tatuagens do país. Mas ele é assombrado pelo seu primeiro amor, a tatuagem correspondente que eles compartilham é uma lembrança constante de quem ele era antes de aprender a controlar suas emoções, seu desejo e o prazer de uma mulher.
Ele precisa tirá-la de seu coração, e ele fará o que for preciso para ser livre.

Erin Perry foi queimada pelo amor e não está pronta para colocar o corpo cob o controle de um homem, e muito menos seu coração. Mas então, Blake aparece, o único homem que realmente amou.
Blake é implacavelmente bonito e fervilhando de energia dominante.
Para ser amada, domesticada, possuída e colocada Sob Seu Comando.

WARRIORS ANGELS OF SIN WAS TRADUÇÕES



Dedicado ao meu DOM que sabe o que isso representa. Obrigada por ajudar a desenvolver essa série, mesmo que você tenha se preocupado que possa dar-lhe um ataque cardíaco.



PRÓLOGO

Erin

Ela estava quase nua novamente, vestindo apenas uma minúscula calcinha preta, e suas mãos estavam em todos os lugares, menos onde precisava que elas estivessem. As pontas dos dedos de Blake rastreavam a coluna de sua espinha até a parte inferior de suas costas, evitando deliberadamente o lugar dolorido entre suas pernas quando ele agarrou suas coxas e separou-as.

Largo.

Mais largo.

As mãos fortes circundaram seus tornozelos com uma propriedade descuidada que fez um gemido suave escapar de seus lábios. — Está vendo, Erin. Você não está satisfeita por eu ter te apanhado há tempo? — Sua voz era tão áspera quanto a corda que ele usava para prender, o primeiro tornozelo e, em seguida o outro na grade perto de seus pés. Enquanto ele trabalhava, Erin podia sentir sua mente amolecer, afundando em uma piscina de água fresca e limpa, mesmo enquanto seu corpo pegava fogo.

Descendo para o espaço submisso, naquele lugar em sua mente, onde nada importava senão um homem e o que ele a mandaria fazer, sempre fazia Erin flutuar. Derivando em sonhos deliciosos, onde prazer e dor se uniam, onde a mente e o corpo finalmente davam paz um ao outro.

Onde sua consciência se concentrava em uma ponta de faca e ela finalmente se sentia completamente viva.

Submissão era melhor do que qualquer droga e três vezes mais viciante. Era como voar sem medo da queda. Pelo menos não qualquer medo até que tudo estivesse acabando e era muito tarde para recuperar as partes de si mesma que ela havia dado.

— Diga-me, Erin. — Ele sussurrou, sua voz cheia de raiva. — Agora.

Ele terminou com seus tornozelos e moveu-se sobre seu copo de bruços, apoiando suas mãos em ambos os lados de seus ombros. Ele estava perto o suficiente para que ela pudesse sentir seu calor, mas não o peso reconfortante de seu corpo e era puro inferno não se contorcer debaixo dele, implorando silenciosamente o que ela desejava.

Sua respiração era quente contra a parte de trás do pescoço, seus lábios escovando levemente contra a pele sensível enquanto falava. — Diga-me o que você quer.

Erin estremeceu, mas não por causa do frio. Ela se acostumara ao frio da cabana. Infelizmente, ela não conseguia se acostumar com o que este homem fazia com ela ou controlar a resposta instintiva de seu corpo ao dominante que ele se tornara.

Claro, mesmo que ele não tivesse se tornado o tipo de homem que sua libido torcida desejava, como uma viciada desejando uma dose, apenas o fato de que ele era Blake teria sido o suficiente. O cheiro familiar de sua pele a deixou mais úmida do que tinha estado em anos, a sensação de suas grandes mãos se movendo para os pulsos dela, faziam seus mamilos

incharem duros e doloridos, e a maneira como ele dizia ‘quer’ era quase o suficiente para fazê-la gozar. Ali mesmo, sem sequer tocá-la entre as pernas.

E ele sabia exatamente o que estava fazendo com ela. O bastardo.

— Foda-se, — ela sussurrou, as palavras desafiadoras chutando sua excitação excessiva.

Infelizmente para ela, a única coisa mais excitante do que ser obediente era ser desafiadora. Então ela não lutou contra ele enquanto verificava as algemas a prendendo na cabeceira da cama.

As lutas apenas alimentavam o fogo.

— Acho que não. — ele disse, a certeza em sua voz sublinhada pelo zumbido da máquina de tatuagem ao lado da cama. — Sem mais distrações. Vamos terminar isso, doçura. Agora mesmo.

A pulsação de Erin bateu insalubremente em seus ouvidos e um suor frio explodiu entre os ombros, ao perceber que uma agulha poderia estar a poucos centímetros de sua pele. Era nauseante, mas mesmo quando suas terminações nervosas escaldaram de medo, sua calcinha ficou mais molhada.

— Diga-me o que você quer, Erin, — ele disse, sua voz profunda vibrando no ar frio. — Esta é a sua última chance.

Mas ela não disse uma palavra. Ela apenas pressionou seu rosto na colcha fresca e esperou a picada familiar.

Esperou Blake marcar sua carne do jeito que ele já havia marcado seu coração.



CAPÍTULO UM

Blake

Vinte e quatro horas antes

Ainda contava como sequestro se ela fosse com ele de bom grado?

E se ela quisesse sair do carro quando percebesse que eles não estavam parando dentro dos limites da cidade de Los Angeles? Se ele se recusasse a parar, essa decisão automaticamente o tornaria um criminoso?

Blake não sabia. Mas ele sabia que, mesmo aos dezesseis, Erin não tinha sido facilmente intimidada. Ele não conseguia imaginá-la sentada calmamente ao lado dele enquanto se dirigia para o meio da montanha Bumfuck Country. Não importa o quão fisicamente intimidante a maioria da população achava o gigante Blake Roberts do *Vegas Ink* , Erin lembraria o velho e bom Blake de quando eram crianças. Da época que ele era um magricelo de um metro e meio, com cotovelos maiores do que seu bíceps, que tinha sua bunda chutada por seu pai adotivo semanalmente.

Erin chamaria seu blefe. Ela tentaria correr e, se ele não quisesse que ela pulasse de um veículo em movimento para ganhar sua liberdade, ele teria que usar a corda que havia colocado no porta malas. Porque ela faria algo assim. Ela sempre foi selvagem, e do que ele observou no bar mais cedo esta noite, ficou ainda mais com a idade.

Não que ele estivesse em posição de jogar pedras.

O que ele estava planejando era mais do que louco. Era estúpido, criminoso e poderia arruinar a vida que trabalhou tanto para construir. Se ele soubesse o que era bom para ele, ligaria seu carro e sairia daqui agora.

Não prossiga, não sequestre a única garota que você já amou não colete várias acusações de crime.

— Isso é loucura. Você percebe isso, certo? — Seu melhor amigo e parceiro de negócios, Rafe, ecoou nos pensamentos de Blake antes de tirar o copo da mão dele. Havia uísque lá hoje a noite, mas Blake tinha decidido ficar com uma Coca-Cola enquanto eles vigiavam o estacionamento do bar, do seu carro. Não era necessário arriscar um DUI[1], bem como acusações de sequestro.

— Você não a vê há quanto tempo?— Perguntou Rafe. — Seis anos?

— Oito.

Rafe exalou longo e lento. — E ela não respondeu a nenhuma das suas cartas?

Seus dentes trincaram. — Não. — Não com palavras de qualquer maneira. Em vez disso, ela rasgou cada carta em pequenos pedaços e enviou-as de volta ao endereço dele em Las Vegas. Ela *tinha* respondido, mas não de uma forma que o fez pensar que se sujeitaria ao que ele queria dela. O que ele *precisava* dela, se ela estivesse disposta a dar ou não.

Blake não era geralmente o tipo que tomava o que precisava sem permissão, mas por Erin, a menina que havia quebrado seu coração em mil pedaços, ele faria uma exceção.

---

[1] Driving Under the Influence (DUI), dirigir sob influência de álcool.

Rafe grunhiu e tomou outro gole do frasco. — Mas você ainda acha que é uma boa ideia aparecer onde ela trabalha e pedir-lhe que te acompanhe por um longo fim de semana para que você possa trabalhar em sua tatuagem?

Blake assentiu. — Sim.

Seu amigo riu quando ele bateu no ombro. — Você é louco, cara.

Se ele soubesse...

Mas Blake não havia dito a Rafe seus planos reais. Não havia necessidade de tornar seu melhor amigo um cúmplice de um crime e arruinar duas vidas em vez de uma.

— Quem sabe? Ela pode gostar de umas pequenas férias, — disse Blake, sem acreditar nas palavras, mesmo quando as falou. — Ou talvez eu possa fazê-la mudar de ideia por dinheiro. Quinze mil muda um tolo e ela precisa de dinheiro. Por que mais ela estaria trabalhando aqui?

—Talvez ela esteja por baixo. — Rafe encolhe os ombros enquanto seus olhos escuros examinam o estacionamento do bar onde finalmente encontraram Erin.

Não era em uma parte ruim da área maior de Los Angeles, mas era o lugar mais vulgar que ainda servia bebidas em Pasadena. A maior parte do lugar tinha sido convertido em um grande shopping ao ar livre, puramente PG[2], mas The Elbow Room conseguiu se manter aberto. Provavelmente porque era o único lugar no subúrbio sombrio onde um homem ainda podia ver alguma pele enquanto bebia algumas cervejas.

[2] Um local sem restrições, sem controle. PG (Parental Guidance)

O enorme bar duplicou com um palco para garotas de faculdade bêbadas, tentando adicionar seus sutiãs à coleção pendurada no teto, e as garçonetes eram como estrelas pornôs seminuas. Elas se revezavam dançando no bar nas noites em que as colegas estavam estudando.

Exceto Erin. Ela não fazia parte da cena pornográfica. Ela era um modelo de lingerie para a maior loja de fetiche em Los Angeles.

Ou tinha sido por um tempo. Blake não tinha visto novas fotos da linda loira natural com os grandes olhos castanhos por quase dois anos. Não que ele fosse um glutão por tortura, que verificava o site Damned Naughty Lingerie semanalmente...

Deus, o que ele estava fazendo aqui? A obsessão pela imagem de Erin em um site ou escrever cartas para ela, era uma coisa. Mas rastreá-la pessoalmente com a intenção de forçá-la a fazer uma viagem até as montanhas de San Bernardino com ele era com certeza insano.

Exatamente. Então, saia daqui. Agora.

Antes que esta mulher arruíne sua vida pela segunda vez.

—Eu não sei cara. Ela não parece estar por baixo, — disse Rafe, seu tom revelando sua óbvia apreciação por Erin 'Angel' Perry. — É difícil acreditar que essa garota não pode mais trabalhar com modelagem. Eu chequei o site esta manhã. Eu nunca vi peitos reais assim. Não é de admirar que você ainda esteja pendurado...

Blake silenciou Rafe com um olhar. Ninguém fala sobre Erin dessa maneira, nem mesmo seu melhor amigo. Não importava que ela o tivesse traído e quebrado seu coração na época que ele era um idiota. Ele não

toleraria que alguém a tratasse como um pedaço de carne, mesmo que ele planejasse fazer quase o mesmo.

Mas então, ele ganhou o direito de ensinar a Erin uma coisa ou duas sobre a lei do retorno.

— Escute, Blake. — Rafe ficou sóbrio, seus traços mudando para uma expressão séria. — Eu sei que você é um menino grande e pode cuidar de si mesmo, mas isso tem 'má ideia' escrita por todo o lugar.

— Exatamente, você já pode parar, — disse Blake. — Antes de você ficar muito bêbado para dirigir de volta ao hotel.

Faltavam vinte minutos até o The Elbow Room encerrar as atividades. Ele tinha que se livrar de Rafe antes disso.

Rafe suspirou. — Bem, se você quer minha opinião, você não deveria estar desperdiçando seu tempo ou seu dinheiro na merda do passado. O ouro está no futuro, irmão .

— Não te perguntei. Nem a sua opinião ou a sua companhia. — Na verdade, ele fez o seu melhor para deixar seu amigo de fora, mas o outro homem insistiu em acompanhá-lo até LA.

— Calma, matador. — Rafe ergue os braços acima da cabeça. — Tudo o que estou dizendo é que nós poderíamos estar em Miami pegando bocetas agora, em vez de perder tempo na cidade da poluição atmosférica. — Seu sotaque cubano coloriu o nome da cidade por isso soou como uma Meca exótica. O que era de certa forma. Pelo menos para os dois.

Depois de três anos como estrelas no reality show *Vegas Ink*, eles deixaram o negócio de entretenimento para investir nacionalmente em uma série de salões de tatuagem. Os locais da Vegas Ink em Reno e Las Vegas

foram inaugurados e se juntaram a novos locais em Memphis, Nova Orleans e Miami. Blake e Rafe aproveitaram seu status de celebridade e cimentaram suas reputações como o melhor dos melhores, *as* pessoas acreditavam quando procuravam mais do que uma tatuagem comum, quando queriam uma *arte de corpo* garantida.

— Você tem uma tatuagem correspondente com a garota, Blake, e ela conseguiu lucrar com isso. O que não significa que ela tenha um pedaço de você. — Rafe continuou, apesar do aviso que Blake lhe deu. — Você era jovem. Você cometeu um erro e se queimou. Quem se importa se...

— Eu me importo. — Blake tomou outro gole de sua própria bebida, a Coca quente, grosseiramente doce, tão fraca como seu humor.

Se ele ainda não estivesse determinado a seguir seu plano, o que ele havia observado esta noite teria feito o trabalho. Ele só entrou no bar por alguns minutos, mas tinha sido suficiente para ver tudo o que precisava para ver.

Erin ainda tinha a tatuagem que ele lhe dera na noite anterior ao décimo oitavo aniversário, aparecendo por baixo da camisa branca sem mangas. Não que isso fosse uma surpresa. Ela usou a tatuagem para fazer um nome para si mesmo e claramente não tinha ficado impressionada com as cartas de Blake pedindo que ela mudasse a arte. Afinal, seu trabalho tinha sido tão responsável por seu apelido quanto sua aparência angelical.

A figura de cinco centímetros em seu ombro foi à primeira das tatuagens de anjos que tornaram Blake famoso, uma correspondência exata com o anjo caído de olhos arregalados em seu próprio antebraço. Era a única

de suas tatuagens que ele não tinha esboçado e o último exemplo restante do trabalho de seu pai.

Adrian Roberts nunca ganhou a vida nem fez um nome para si mesmo antes da morte dele, mas ele tinha um verdadeiro talento, um artista mais dotado do que Blake jamais poderia sonhar em ser. Mais do que tudo no mundo, Blake desejava poder voltar para aquela noite quando tinha dez anos e pegar mais do que um dos esboços de seu pai antes que ele fugisse de seu apartamento em chamas. Talvez então ele tivesse mais de seu pai, a única família verdadeira que ele já teve, para lembrar e não ficaria tão obcecado por essa maldita tatuagem.

Ou com a garota que ele já amou o suficiente para compartilhar uma parte de sua alma com ela. *Sua alma? É só pele. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.*

Ah, mas esse era o problema. Ele *deveria* saber muitas coisas.

Mas agora, tudo o que sabia era que ele tinha que convencer Erin a deixá-lo cobrir a tatuagem, transformá-la em algo que não teria mais ligação com o mesmo anjo em seu próprio braço.

Isso o deixou com vontade de saber por que ela ainda exibia a profissão de seu amor adolescente em seu ombro. Uma vez que a evidência de sua falsa crença em almas gêmeas foi apagada, Blake estava certo de que ele finalmente poderia deixar sua obsessão com sua antiga chama e seguir em frente.

As culturas em todo o mundo reconheceram o poder místico de aplicar tinta permanente em carne humana. Blake nunca tinha acreditado que a arte era mais do que arte, mas não podia negar a conexão que sentia com a única

pessoa no mundo com quem compartilhava exatamente a mesma tatuagem. Uma conexão que o perseguiu por oito longos anos enquanto tentava se esquecer de sua última noite juntos e das promessas que haviam feito. Promessas que Erin havia quebrado tão facilmente quanto tinha quebrado o seu coração.

Sua alma quebrada, seu coração partido. Deus. Você está certo. Você precisa fazer o que for preciso para tirar essa garota do seu sistema para que você possa parar de ser uma bichinha tão fodido.

— Você está rindo? — Rafe perguntou, obviamente surpreso com o fenômeno quanto o próprio Blake.

— Sim. — Ele sorriu e tomou o último gole de seu refrigerante. — Eu estava pensando sobre Delilah e a palestra sobre sua boceta.

— Aquela sobre o poder da boceta dar vida e prazer e como não deveríamos usar o nome sagrado de sua vagina como um insulto? — Perguntou Rafe, seu desprezo pelas palestrar feministas da gerente de escritório de Vegas na voz dele, embora sua expressão suavizasse perceptivelmente.

Não importa a frequência com que seu parceiro insistisse que sua decisão de transferir Delilah para o novo local de Miami junto com eles era um negócio puramente bom, Blake suspeitava que Rafe tivesse uma coisa por Dee e cortaria um ou dois dedos para entrar em sua santa boceta. Pena que Delilah não conseguiu ver além da besteira machista de Rafe para o homem sólido dentro. Na verdade, ela parecia ter uma coisa por Blake e convidou-lhe para sair e beber em mais de uma ocasião, mas ele sempre recusou.

Blake não misturava negócios com prazer. E mesmo que o fizesse, ele não sentia nada além de amizade pela gerente de cabelos magenta[3]. Ele nunca sentiu nada além de amizade, ou luxúria, por qualquer mulher, exceto uma, e já era hora de fazer o que fosse necessário para tirá-*la* do sistema. Ele tinha vinte e seis anos, por amor de Deus. Era hora de acabar com esse amor de escola secundária e isso não aconteceria enquanto eles compartilhassem a mesma tatuagem. Ele tentou tudo o que pôde para parar de pensar em Erin e suas tatuagens, inferno, ele tinha inclusive ido procurar um terapeuta algumas vezes - mas nada ajudou.

Algo tinha que ser feito. Agora. Ele estava no caminho rápido para ter tudo o que sempre quis e não iria perder mais oito anos de sua vida fixado no que escapou.

— Falando sobre o poder da boceta, acho que é hora de eu voltar para o hotel—, disse Rafe. — Ver se eu posso agarrar uma estrela ou duas no bar.

Os dois homens saíram do carro, batendo as portas atrás deles.

Rafe olhou para ele na luz fraca da lâmpada de rua do estacionamento. — Você tem certeza que não quer voltar comigo?

Blake balançou a cabeça. — Não. Vejo você em alguns dias.

— Ou alguns minutos, se ela mandar você se foder. — Rafe fez uma pausa na porta de seu BMW esportivo. —Você sabe o que, acho que vou entrar. Ver como ela...

— Não. Eu vou fazer isso sozinho —, insistiu Blake. — Não quero ser reconhecido.

---

[3] A magenta é uma cor que é definida de forma variada como vermelho-púrpura, vermelho-avermelhado, cor-de-rosa-púrpura ou mau-praça-carmesim. Nas telas do computador, é feito misturando quantidades iguais de azul e vermelho.

Rafe riu. — Você está brincando comigo? Você é o gigante Blake Roberts. As pessoas vão te reconhecer. Comigo ou não.

— Você acha que as pessoas em um bar como este assistem Brava?— Perguntou Blake, mais feliz que nunca, de que seu reality show não estava em uma das principais redes. Havia certo grau de fama com a qual ele poderia lidar, mas ser reconhecido em todos os lugares que fosse o teria deixado louco. — Além disso, estou disfarçado. — Ele puxou o chapéu sobre seu rosto e puxou as mangas do seu suéter preto, escondendo suas tatuagens no braço todo.

Sem isso, ele era um cara de aparência normal com cabelo castanho curto, olhos castanhos escuros e características não dignas de noticia. Não era feio, mas não era o rosto que mantinha as mulheres espectadoras coladas na tela por três temporadas de *Vegas Ink.* Rafe era o menino bonito. Se alguém fosse reconhecido, seria ele. Blake duvidava que mesmo Erin pudesse adivinhar sua identidade, pelo menos não imediatamente. Ele cresceu alguns centímetros e ganhou cerca de trinta quilos de puro músculo desde a última vez que o viu.

A menos que, claro, ela assistisse ao show.

Blake não se permitiu pensar muito sobre isso, imaginar que ela poderia estar suficientemente interessada em seguir sua vida. Pensar assim era uma ótima maneira de deixar essa situação sair do controle. Ele não estava aqui para se reconectar com ela; Ele estava aqui para corrigir um erro e continuar com sua vida. Fim da história.

— Eu vou estar com meu celular se você precisar de mim—, disse Blake, um sorriso sombrio em seu rosto quando ele empurrou sua carteira no bolso.

— Eu estarei em Miami amanhã à tarde. Eu não precisarei de nada. — Rafe deslizou para o seu BMW e bateu a porta. Mas foi apenas um segundo antes que ele abaixasse o vidro. — Ligue-me se você recobrar a razão e quiser estar no voo amanhã de manhã, cara. OK?

Blake assentiu com a cabeça, mas era tarde demais para recuperar a razão. Ele estava comprometido com este plano e com uma vida sem lembranças de Erin assombrando-o e quanto mais cedo conseguisse o que veio buscar e colocasse isso para trás, melhor.



CAPÍTULO DOIS

Blake

Blake esperou até que o carro de Rafe estivesse fora de vista antes de caminhar até a entrada da The Elbow Room. Não havia mais um porteiro em serviço há esta hora e a multidão diminuiu consideravelmente desde as dez horas.

Quando Blake atravessou os pisos de tábuas desgastadas, o barman, com os longos cabelos pretos puxados para trás em uma trança, anunciou a última rodada. Mas a ninhada de homens que cercavam o bar parecia longe de estar pronta para encerrar a noite.

Por que eles iriam? Quando Erin estava segurando a audiência em cima do bar e ficando cada vez mais ousada com a dança?

A camisa dela subiu alto o suficiente para revelar a parte inferior do sutiã e os polegares desceram mais a saia enquanto seus quadris giravam, revelando os ossos do quadril e a pele pálida abaixo. Os regulamentos estaduais proíbem expressamente que as bartenders fizessem strip-tease, mas Blake esperava que as roupas começassem a sair a qualquer segundo. Uma expectativa obviamente compartilhada pelos homens que a cercavam como um bando de cachorros.

Suas mãos fechadas em punhos, seu corpo formigando para defender Erin do jeito que ele tinha feito quando eram crianças. Naquela época, ela era uma criança inocente de catorze anos atraindo o tipo de atenção dos

meninos seniores na escola. Eles sabiam que ela era uma criança adotiva e não tinha ninguém para cuidar dela. Ela tinha sido encurralada atrás do ginásio depois de ser transferida para Carson City High a apenas três dias. Quando Blake apareceu na curva do prédio, seus três atacantes tinham lhe tirado até o sutiã e a calcinha e estavam prendendo-a contra o concreto áspero.

Blake ganhou duas semanas de detenção por ter espancado os jogadores de futebol que decidiram que seria divertido mexer com a nova garota, mas valeu a pena. Ninguém mexeu com sua irmã adotiva novamente. Ele nem sequer se permitiu tocá-la até ela completar dezesseis anos, apesar dela ter deixado seu interesse claro antes disso.

— Beije-me, Blake—, ela sussurrou, inclinando a cabeça para olhar para ele enquanto observavam o sol se afundar atrás do horizonte fora de Carson City. — Eu quero que você seja meu primeiro beijo.

— Não essa noite—, ele disse, mesmo que ele já estivesse tão duro que parecia que seu jeans o estava cortando ao meio. Mas eles beberam umas quarenta Budweiser por uma boa parte de uma hora e os olhos de Erin estavam vidrados. Ele não queria que seu primeiro beijo fosse assim - algo que ela nem recordaria completamente.

Além disso, ela tinha apenas quinze anos e era tão inocente, não importava o quão difícil ela tentasse agir. Até que ela tinha sido entregue a Phil, ela tinha sido relativamente fácil para uma filha adotiva. Ela ainda lembrava o que era ser amada, ser importante para alguém que se importasse com ela, sem restrições.

Mas essas memórias estavam desaparecendo rapidamente. Ele podia ver isso pela forma como seus ombros se curvavam quando passava pelos armários dos meninos que quase a estupraram. Ele viu nas lágrimas que ela se recusou a deixar cair depois que Phil a bateu por falar demais uma vez.

Ela precisava de Blake para ser sua pessoa de apoio mais do que precisava de um namorado. Ele sabia disso.

Ele também sabia que, uma vez que ele beijasse Erin, seria difícil evitar ter mais. Ele não era inocente há muito tempo e não tinha certeza de quanto tempo poderia se controlar com essa garota que ganhara seu coração sem sequer tentar. Ele queria tocar cada centímetro de sua pele macia. Ele queria saber como seria quando ela gozasse.

Ele queria colocar a boca entre suas pernas e mostrar-lhe todas as coisas que aprendeu a fazer durante meses atrás das arquibancadas com a professora substituta de biologia no ano passado.

— Então, quando?— Ela perguntou, inclinando-se para ele, sem perceber a doce tortura que ela infligia quando seu peito roçou seu braço. — Eu quero te beijar muito. Eu simplesmente... Amo você, Blake. Você é a melhor pessoa que já conheci.

Seu coração inchou em seu peito. Ele também a amava e estava agradecido por ela ter entrado em sua vida e lembrar-lhe o quanto podia amar alguém antes que fosse tarde demais. Mas ele não conseguia deixar a amizade ir mais longe, ainda não.

Não até que ele provasse a si mesmo que era um homem tão bom quanto Erin pensou que ele fosse.

E então ele a manteve à distância por meses que pareceram uma eternidade de tortura erótica. Blake tinha dois anos a mais que ela e não queria se aproveitar, não importava quantas noites ele ficasse acordado com uma ereção furiosa, fantasiando sobre a garota dormindo no quarto ao lado.

Aparentemente, Erin ainda tinha o poder de inspirar uma reação semelhante nele e qualquer outro membro do segmento da população do pênis. Blake ia ter que vigiar seus passos. Afastar Erin de sua matilha de admiradores excitados e delirantes provavelmente faria com que os ânimos explodissem e ele não poderia se dar ao luxo de atrair esse tipo de atenção. Ele precisava tirar Erin daqui sem que ninguém notar.

Isso significava que ele teria que ficar na sombra e assistir, aproveitar seu tempo até que ela tivesse terminado seu desempenho, não importa o quão difícil uma parte dele achou ver Erin batendo e moendo para um monte de bêbados excitados.

Ou o que despertou essa outra parte dele.

Droga, ela era ainda mais sexy do que ele lembrava. O jeito que ela jogava seus longos cabelos sobre o ombro, piscando os olhos grandes de uma maneira que prometia um prazer incontável a todos os homens da sala - isso causou dor no corpo inteiro.

Seria infernal estar preso em uma cabana com ela por dias sem poder tocá-la, beijá-la, enterrar-se profundamente dentro da única mulher que já havia...

Quem arruinou sua vida. Foco, Roberts!

Sua voz interior estava certa. Ele tinha que se concentrar porque não havia volta agora. Logo ele deixaria Pasadena com Erin ao seu lado, tanto como sua passageira quanto sua cativa.

Pelo menos *essa* escolha seria dela.



CAPÍTULO TRÊS

Erin

Mais cinco dólares do seu Carl [4] regular, três de um rapaz latino de trinta e poucos anos e dois de sua namorada. Combinado com os vinte que ela levantou do garoto de fraternidade, muito bêbado para ver o que ele estava pescando de sua carteira, ela havia feito nos últimos dez minutos uns trezentos na noite. Isso valeu à ansiedade que ela sentia toda vez que tomava seu turno em cima do bar.

E era mais do que suficiente para pagar uma hora inteira do tempo da advogada muito cara... Se ela tivesse a coragem de contratar a mulher que conheceu na semana passada.

Erin sabia que Scott esperava que ela assinasse os papéis do divórcio como estavam. Ele iria romper um vaso sanguíneo se soubesse que ela estava pensando em contratar representação legal para lutar contra ele na corte. Seu em breve ex-marido estava *tão* certo de sua habilidade em assustá-la pra caralho.

Claro, ele tinha todas as razões para acreditar em si mesmo. Ela raramente se atrevia a encará-lo durante seus três anos de relacionamento. No começo, ela pensou que ele era o homem de seus

---

[4] Inteligente. Um verdadeiro cavalheiro. Ama as senhoras. Normalmente bonito. Rock and roll está no sangue dele. Pode ser contado em uma crise. Competitivo, aventureiro e determinado. Filosófico. Inovador. Gosta de emoção e de viajar.

sonhos. Mas naquela época, ela era uma garota solteira ingênua na grande cidade e não havia tanta coisa em jogo.

Mas ela não podia pensar em nada disso agora. Ela tinha que se concentrar em ganhar dinheiro, fazendo o que fosse necessário para tirar dos homens que a cercavam os último trocados antes que seu turno terminasse.

E se isso incluísse um pouco de criatividade, que assim seja. Ela não gostou particularmente de ter um estranho bebendo uma dose de corpo no seu umbigo, mas o que ela gostava não importava.

Nada mais importava, exceto recuperar sua vida do homem que a manteve refém.

— Tempo para um shot!— Erin forçou um sorriso malicioso em seu rosto enquanto subia um pouco mais sua camisa, mostrando mais da parte inferior de seu sutiã.

A pequena camisa branca amarrada na cintura, combinada com a mais curta saia que ela conseguiu encontrar, sempre foi uma receita para grandes gorjetas. Como era de se esperar, os homens ainda ficavam loucos por um uniforme escolar, especialmente se você estivesse disposta a deitar e deixar um deles beber em seu estômago enquanto o usava.

— Escolha-me, Angel! — Alguém gritou, bêbado, da extremidade oposta do bar enquanto ela colocou a dose de licor de canela no seu umbigo.

— Não esta noite, senhores—, disse ela, piscando para a namorada do cara latino. — Estou com vontade de um toque mais suave.

Uma nova música veio do sistema de som e Erin bateu palmas enquanto a menina ruborizada com cabelo preto e quentes olhos castanhos caminhava até o bar. O rugido dos homens aplaudindo quando a pequena

mulher segurou seus cachos escuros e bebeu o Goldschlager[5] do estômago de Erin era muito alto para ela ter certeza, mas a música parecia Rolling Stones. Uma de suas bandas favoritas de todos os tempos.

Ela poderia realmente estar se divertindo agora, se estivesse ficando um pouco selvagem em uma noite de sexta-feira, em vez de bancar a vadia para uma multidão. Fazia tanto tempo desde que ela tinha sido capaz de só ir dançar, ir a um clube ou bar para se divertir com algumas amigas. Não que dançar no The Elbow Room fosse uma tortura. Ela nunca tinha sido tímida em relação ao seu corpo, e seu tempo como uma modelo de lingerie para Damned Naughty Lingerie a fez ainda menos.

Ainda assim, ela desejava não precisar ser exposta todas as noites. Pelo menos não agora, quando ainda se sentia tão vulnerável.

Foda-se. Aguente firme e dê aos clientes o que eles querem.

Assim que os lábios da menina deixaram seu estômago, Erin levantou-se e pôs-se de pé, terminando a música com seu toque habitual. Ela girou os quadris e inclinou-se o suficiente para dar aos clientes um vislumbre de suas calcinhas brancas de algodão com uma aplicação de renda, com sensualidade suficiente em seus movimentos para manter os homens ofegantes, mas mantendo claro o suficiente para que a multidão não perdesse a mão.

Existia uma linha fina nesse tipo de arte, mas ela se aperfeiçoou no último mês.

Ela andou até o final do bar uma última vez, coletando mais vinte dólares antes que o sino de fechamento soasse. Momentos depois, 'Happy

[5] É um licor de canela suíço com flocos de ouro muito finos e visíveis flutuando nele.

Trails to You', a canção que anunciava o fechamento do bar, começou a tocar e Erin parou de dançar, atraindo sons de protesto de alguns dos bêbados.

— Até amanhã, senhores—, ela disse com um sorriso e um aceno de seus dedos. Sempre os deixe querendo mais.

— Ei, Angel, você pode limpar o balcão?— Cassandra gritou de onde estava colocando o último lote de copos na máquina de lavar louça atrás do bar. — Eu tenho tudo mais pronto para fechar.

— Claro—, disse Erin, já sentindo o cansaço que a tomava no final da noite, uma vez que a adrenalina baixava.

Ela puxou a camisa para baixo e estava se preparando para sair de seu poleiro quando uma mão grande fechou suavemente em torno de seu tornozelo. Seu primeiro instinto, quando os clientes tentavam levar as coisas para o próximo nível, geralmente era uma bofetada no pulso e, em seguida, um chute em algum lugar mais doloroso se eles não fossem rápidos.

Mas por algum motivo, a sensação dessa mão era diferente, intrigante. Elétrica…

Então ela ouviu a voz que acompanhava a mão e a calcinha seca era uma coisa do passado.

— Tatuagem legal. Pelo menos o que posso ver dela.

Droga. Uma voz como essa, tão profunda que praticamente tinha acústica própria, foi quase o suficiente para fazê-la esquecer de que ela amaldiçoou os homens pelos próximos dez anos. Ou vinte, dependendo do dia e quanto tempo ela tinha que pensar sobre Scott.

— Obrigada. Isso me tornou famosa, — disse ela, sorrindo para o tom sombrio de um dos maiores homens que já havia visto na vida real.

Ele tinha um metro e noventa e oito, pelo menos, e a forma como os braços e o peito esticavam sua camisa não deixava dúvidas que ele era forte o suficiente para dobrá-la ao meio sem suar. O pensamento de algo desse tipo deveria ter sido o suficiente para esfriar seu sangue aquecido, mas não foi. Ela era um caso sem esperança quando se tratava de homens grandes, fortes e dominadores.

Mesmo depois de três anos com um homem dominante que fez de sua vida um inferno vivo e tirou tudo o que significava algo para ela, uma parte de Erin ainda fantasiava em encontrar alguém com o suficiente para assumir o controle sobre ela do jeito que faria um verdadeiro dominante. A maneira como ela viu alguns dos homens nos clubes tratarem suas subs. Com respeito e até mesmo amor. Como se suas submissas fossem coisas preciosas para serem estimadas, protegidas e valorizadas, não formas de vida inferiores tão intercambiáveis quanto folhas de Kleenex[6].

— Eu acho que você tem outras coisas em você além de uma tatuagem—, disse o homem, seu polegar acariciando o interior do tornozelo, enviando um formigamento de consciência correndo pela perna.

Deus, ela nunca esteve tão feliz por ter escolhido saltos em vez de suas botas de foda.

Embora pudesse ser bom, com elas, também. Ela já podia ver a si mesma levando este homem para seu pequeno estúdio em South Pasadena e tirando tudo, menos suas botas. Então ela viraria, se inclinaria sobre a cama e mostraria o quão molhada ela estava, o quão pronta estava para levar o que ele carregava naqueles jeans negros. Ele não falaria uma palavra, ou talvez

---

[6] Marca de lenços de papel.

ele simplesmente lhe dissesse para abrir um pouco mais as pernas. Então ele chegaria por trás dela, mãos grandes agarrariam seus quadris, pau espesso sairia de dentro de onde estava...

— Você quer ir a algum lugar?— Perguntou o homem. — Conversar?

— Nós temos que fechar—, disse Erin, o tremor em sua voz traindo onde seus pensamentos estavam indo. — Mas eu conheço um restaurante não muito longe daqui. Podemos tomar um café.

— Eu adoraria um café. Meu carro está lá atrás, — disse o homem misterioso, levantando a mão para ajudá-la no bar. — Eu poderia te dar uma carona.

Oh, querido, ela *aposta que* ele pode lhe dar uma carona.

Ela nem tinha visto seu rosto, mas ele praticamente irradiava sexo. Controlando, exigindo, *dominando completamente a mulher que ele fode*. O tipo que ela ansiou por quase dois anos durante o celibato imposto por Scott. Dois anos sem o conforto de outro corpo quente e humano, e muito menos a foda que desejava.

Uma boa foda - não fazer amor, nem mesmo sexo gentil - é o que ela queria. O que ela precisava. Erin era uma pessoa carnal, sempre foi. Ela precisava de áspero, quente e primitivo, e era hora de arranhar essa coceira.

Amanhã ela estaria aqui novamente, trabalhando em outro turno duplo. Mas esta noite para dela. Ou ainda melhor, para ele. Não havia nada que gostasse mais do que deixar um grande homem como este de joelhos com luxúria pura e desenfreada.

Erin sorriu, desejando que ela tivesse a coragem de ignorar o café e dirigir-se diretamente para seu apartamento com um estranho total, mas mesmo dois anos de celibato não a tornaram tão ousada.

Claro, ela poderia pelo menos ter uma pista sobre esse cara do que esperava que eles pudessem fazer depois do café...

Ignorando a mão que ele esticou, ela saltou diretamente nos braços do big boy, envolvendo suas mãos no pescoço dele e às longas pernas ao redor de sua grossa cintura, fazendo a calcinha entrar em contato íntimo com seu pênis ainda mais grosso.

Droga. Esse cara era tão grande abaixo do cinto como era em qualquer outro lugar. E ele estava duro, quente e pronto, tão ereto que podia senti-lo pulsando contra ela, mesmo através de seu jeans e sua calcinha úmida.

— Parece que estamos na mesma página—, ela disse, sua respiração acelerando enquanto flexionava os músculos de suas pernas, estimulando seu clitóris a um contato ainda mais firme com seu pênis. — E eu realmente espero que você goste de..

Suas palavras morreram e o calor a percorrendo foi substituído por uma onda de medo gelado. Oh Deus. Por que ela não se certificou em dar uma boa olhada no rosto desse homem antes que ela pulasse nele como uma ninfomaníaca drogada?

— Alguma coisa errada, Erin?— Perguntou Blake Roberts enquanto a colocava no chão.

Vários segundos passaram em um estranho silêncio antes que ela pudesse se lembrar de como formar palavras. E uma vez que conseguiu apenas duas palavras vieram à mente.

Puta.

Merda.

CAPÍTULO QUATRO

Erin

É *claro que* o primeiro homem com quem decidiu dormir depois da separação seria o único homem que nunca pensou em ver novamente.

Era Blake. E, UAU, se ele não tinha crescido em todos os lugares certos. Na época do ensino médio, ele tinha sido doce, adorável e sexy, mas agora ele estava...

— Por que não saímos daqui? Nós podemos dar uma volta, relembrar. Vá buscar suas coisas, — ele disse, seu tom revelando que não haveria discussão.

Problema. Era o que ele era. Um grande problema.

E maldição, se isso não fez sua calcinha ainda mais molhada.

— Eu não acho que essa seja uma boa ideia, Blake,— ela disse, movendo-se lentamente atrás do bar, concentrando-se em fechar a torneira de álcool, não importa o quanto uma parte dela quisesse se apressar a obedecê-lo.

Mas então, ela supôs que algumas tendências submissas morreram duramente.

— Nós não temos... — Ela parou com uma vibração nervosa de uma mão. — Quero dizer, faz anos e... eu... Estou passando por tanta coisa agora, e eu...

— É apenas uma carona, — ele disse naquela voz profunda e sexy dele. — E uma conversa.

— Não foi o que pareceu há alguns segundos. — Ela corou, amaldiçoando o tiro de Jack Daniel, que ela tinha tomado antes do seu último turno no bar.

Isto era culpa do uísque. Ela nunca teria pulado nos braços de um estranho e se esfregado nele sem isso.

Ela poderia até querer, mas realmente não teria *feito* isso.

— Isso foi há alguns segundos atrás. — Ele sorriu, e ela pegou um flash do menino magro que se nomeou seu protetor no segundo que a conheceu, fazendo com que ela se perguntasse o quanto ele realmente havia mudado.

— Eu vim aqui para falar sobre velhos tempos e não os reviver, — continuou ele. — Embora eu não brigasse se você decidir que quer mais do que falar. Parece que ainda temos a mesma química.

— Parece que sim, — disse ela, achando mais fácil retornar o sorriso dele.

Ela guardou a última garrafa de licor e afastou-se por trás do bar, altamente consciente dos olhos de Cassandra sobre ela e Blake. A outra bartender estava insistindo há semanas, implorando a Erin que a deixasse apresentá-la a um ou dois caras. Agora, Erin podia praticamente sentir as ondas de 'vá em frente' em direção a ela do outro lado da sala.

Infelizmente, Blake não era a melhor escolha de elegível que a ex-estrela da pornografia, Cassandra, estava acostumada.

— Mas provavelmente não é uma boa ideia—, disse ela. — Às vezes, é bom não ter qualquer história.

Ele emitiu um ruído baixo. — Às vezes você está no clima para um estranho.

— Sim. — Ela assentiu com a cabeça, grata por ele ter entendido. Ele também não parecia irritado ou desapontado.

Na verdade, ele era incrivelmente casual sobre tudo. Se ela não tivesse sentido o quão duro ele estava, nunca teria imaginado que ele estava interessado. O que era bom, ela supôs, embora não pudesse negar certa decepção.

— Mas outras coisas são melhores com um velho amigo. — Ele se aproximou, forçando Erin a inclinar a cabeça para trás e continuar olhando-o nos olhos. Quando falou novamente, sua voz era suave, quase um sussurro. — Vamos, vamos dar uma volta.

— Vá, Angel—, Cassandra disse em um tom de conhecimento enquanto ela limpava o bar. —Eu vou terminar de fechar e Pedro ainda está na sala de descanso. Ele me acompanhará até o meu carro.

Erin hesitou por mais um momento.

Havia uma voz dentro dela aconselhando a esquecer de ter visto Blake, pegar sua bolsa e ligar para um táxi para levá-la de volta a South Pasadena sozinha. Mas era uma voz calma, que não podia competir com sua curiosidade.

Por que Blake estava aqui?

Por que ele a procurou agora, depois de todos esses anos?

Ela tinha que saber. Além disso, Blake era a pessoa mais confiável que conhecera. Uma das únicas pessoas confiáveis que já conheceu. Se dissesse que estava bem com a conversa e nada mais, ele quis dizer isso.

E ela estava estranhamente excitada pelo pensamento de apenas dar uma volta com este homem.

Mas então, algumas de suas melhores lembranças eram de estar no carro com Blake, correndo pelas estradas do deserto, imaginando que estavam a caminho de algum lugar, qualquer lugar, menos de volta a Carson City, Nevada.

— Vamos continuar, — disse ela, colocando a cabeça para fora da janela e deixando o ar quente do deserto açoitá-la em um emaranhado selvagem.

— Para onde devemos ir?— Blake perguntou, jogando, como sempre fazia. — Roma? Paris?

Ela riu enquanto estendia a mão, passando seus dedos pelos dele muito mais longos. — Eu não preciso da Europa. Leve-me a Denver. Ou talvez Miami. Para algum lugar quente onde poderíamos viver em trajes de banho e fazer sexo no oceano todos os dias.

Blake apertou sua mão e sua mandíbula. — Você está me matando. Você sabe disso. — Ela se inclinou, dando-lhe um beijo na bochecha antes de sussurrar.

—Não, você está se matando. Estou tão pronta, Blake. Eu quero mais do que seus dedos ou sua boca. Eu quero você. Dentro de mim. Esta noite. — Ela esticou sua mão livre, acariciando-o através de seu jeans, sua respiração acelerando enquanto sentia o quanto estava duro. — Deus, querido, eu quero você. Por favor, esta noite. Por favor... Faça o amor comigo sob o céu e então vamos entrar neste carro e continuar dirigindo até o sol nascer.

— Tudo bem, — ele sussurrou, finalmente lhe dando o que ela estava implorando. Pelo menos a primeira parte.

Ele fez amor com ela até se sentir morrendo e renascendo em seus braços, até que ela estivesse mais apaixonada por Blake Roberts do que antes. E mesmo quando eles voltaram para o carro e para sua casa adotiva, ela não estava muito triste com isso.

Phil era um pesadelo, mas ela tinha o sonho de estarem na cama de Blake todas as tardes antes que seu pai adotivo chegasse para ansiar.

A lembrança dessas longas tardes aprendendo a deixar Blake tão louco quanto ele a deixava, tomou a decisão de Erin por ela.

— Ok, vamos dar uma volta, — disse ela. — Apenas deixe-me pegar minha bolsa.



CAPÍTULO CINCO

Blake

— Então, o que o traz a LA? — Os pés descalços de Erin estavam apoiados no painel do carro, exatamente como no ensino médio. Suas pernas longas tinham o mesmo tom bronzeado, mas desta vez as minúsculas unhas em forma de lua estavam pintadas de um preto profundo em vez de vermelho cereja.

Preto como sua alma, cara. Não se esqueça disso.

Mas seria tão fácil esquecer. Esquecer o que ele tinha vindo fazer e o que eles tinham sido um para o outro e esquecer os sonhos que ela abandonou quando arrastou sua bunda de Carson City na manhã seguinte ao décimo oitavo aniversário.

A partir do segundo em que ela pulou em seus braços no bar, ele queria esquecer tudo.

Esquecer e *foder*. Afastar a calcinha branca que ela estava usando e afundar até as bolas em Erin. Ela estava mais do que preparada para isso, antes de perceber quem ele era. Mesmo assim, ainda concordou em dar uma volta. Ela pode muito bem concordar em ir para o hotel mais próximo. Eles poderiam se hospedar pelo fim de semana e ele poderia tê-la de todas as maneiras sujas que imaginara nos últimos oito anos. Talvez isso só fosse suficiente para tirá-la do seu sistema.

E então, na manhã de segunda-feira, ele pode deixá-la de volta no estacionamento do bar e acabado com sua obsessão para sempre.

— Veio a negócios?— Ela perguntou, reclinando o banco até que estivesse deitada quase horizontalmente no assento do passageiro ao lado dele. — Ou prazer?

Os olhos de Blake viraram para a pele recém-descoberta em sua barriga e depois voltaram rapidamente para a estrada. Jesus, quem ele estava enganando? Um fim de semana nunca será suficiente.

No segundo que ele sentisse aquela boceta quente e apertada envolvendo-o, ele perderia. Foder Erin Perry tinha sido um prazer incomparável e ele tinha certeza de que foder Angel Perry poderia se tornar um vício genuíno. Ela teve oito anos para aperfeiçoar sua já incrível aptidão natural em escravizar a alma de um homem em seu corpo, e então o modo como dançou no bar deixou claro que estava trabalhando duro em dominar suas habilidades de sedução.

— Estou supondo que seja a negócios se eu conheço bem você. — Erin relaxou um dos seus joelhos para o lado, dando-lhe uma visão clara de sua calcinha.

Deus. Droga.

Elas eram modestas, tanto quanto a lingerie feminina poderia ser e parecia algodão macio, com apenas uma pequena renda na borda. Não era nada extravagante ou sedutora. Mas só saber que a pequena boceta de Erin estava debaixo daquela calcinha de vovó era suficiente para deixá-lo duro o bastante para quebrar vidro.

— Alguma coisa a ver com esse show em que você está?— Perguntou. — Eu nunca vi, mas eu ouvi dizer que você é ótimo. — Suas pernas se fecharam, privando-o de vislumbrar o tecido branco, o que provavelmente era bom.

Ele deveria manter seus olhos na estrada. Os condutores da Califórnia não eram detidos. Você deveria passar de cento e trinta quilômetros por hora e grudar no motorista da frente perto o suficiente para contar os arranhões em seu para-choque, ou desse motivo para uma perseguição. Mesmo passado da meia-noite, a *Interstate 40* estava borbulhando, repleta de carros indo para Palm Springs e destinos posteriores. Ele precisava de sua atenção no trânsito, não na sua passageira.

Felizmente, as luzes ao longo da rodovia desapareceriam em alguns quilômetros, uma vez que estivessem fora da cidade. Então estaria muito escuro para ficar obcecado com o que Erin estava ou não revelando.

— Então, você gosta de ser uma estrela de reality show?— Perguntou ela.

Blake encolheu os ombros e moveu o carro para a pista carpool[7]. Na Califórnia, duas pessoas contavam como um carro carpool. Não é de admirar que o trânsito fosse tão brutal.

— Eu pensei que você tivesse dito que íamos conversar enquanto dirigia? — Ela perguntou, uma pequena diversão em seu tom. — Não me diga que você se transformou em um homem real e não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo.

---

[7] É uma pista restrita reservada em horários de pico ou para o uso exclusivo de veículos com motorista e um ou mais passageiros, incluindo vans e ônibus. O nível mínimo de ocupação normal é de 2 ou 3 ocupantes.

Ele sorriu apesar de tudo. Erin sempre conseguiu fazê-lo sorrir quando ninguém mais podia.

— Você não perguntou para onde estamos indo.

— Talvez não me importe para onde vamos—, disse ela, seguindo as palavras com um suspiro mais triste do que qualquer coisa que ele já tinha ouvido de sua boca.

Foi um suspiro minúsculo, mas dizia muito. Mesmo naquela época, quando ela tinha sido a nova garota da Casa do Diabo – apelido que Blake deu para sua casa de acolhimento final - ela nunca tinha sido nada mais que otimista e audaciosa. Erin era a definição de audaciosa. Ela mais do que fez sua parte para ganhar o revés ocasional de seu pai adotivo, Phil.

Phil. Um nome tão poderoso para um bastardo tão demente. Blake não teria culpado Erin por fugir desse homem.

Se ao menos ela lhe dissesse para onde ia...

— Eu tenho uma cabana nas montanhas, não muito longe do Lake Arrowhead—, disse Blake. — Teremos privacidade lá. Podemos sair, beber algumas cervejas, observar a neve cair.

Esse momento era tão bom quanto qualquer outro para contar a Erin sobre seus planos. Nem mesmo que ela era louca o suficiente para saltar do carro enquanto ele estava a cento e trinta na interestadual. Era quando eles saíssem da rodovia de que ele teria que jogar bonito - assumindo que ela não seria mais flexível ao pedido dele em pessoa do que tinha sido em suas cartas.

— Eu recebi as cartas que você me enviou, por sinal—, disse ele, pronto para abrir isso também. — Aquela foi uma resposta madura.

— Tenho certeza que foi. — Ela riu, mas era um som curto e amargo, não como a velha Erin. — Infelizmente, não fui eu. Não recebi minhas correspondências por muito tempo. Bem, nas últimas semanas recebi algumas coisas no meu novo apartamento, mas nada de você.

Blake ficou, digerindo a informação, sabendo que ela esclareceria se ele permanecesse em silêncio. Erin sempre divulgou informações em pedaços. As histórias explodiam dela como soluços, intercaladas com outras informações aleatórias não relacionadas ao assunto em questão.

— Você está com fome?— Perguntou ela. — Estou morrendo por um hambúrguer. Com cebolas. Muitas cebolas, o tipo grelhado. — Seus lábios se torciam em um sorriso agridoce. Pelo menos algumas coisas ainda eram as mesmas.

Ela se abaixou, mexendo nos controles de seu assento até que ela estava quase reta novamente. — Meu futuro ex-marido interceptou toda a minha correspondência. Ele era muito... Controlador.

— É por isso que ele vai ser seu ex?— Perguntou Blake.

— É uma parte disso—, ela disse, seu tom deixando claro que preferiria não falar sobre o homem. Tudo bem com ele. Blake não gostou de pensar em nenhum homem se conectando com Erin. Parte de seu próprio conjunto de defeitos mentais.

— Então, o que as cartas diziam?— Ela pareceu incerta e estranhamente... Esperançosa.

Blake arriscou um olhar para o lado dela, mas agora estava muito escuro para ver sua expressão claramente. — Apenas um oi de um velho amigo.

Ela bufou.

— Besteira.

— Como você sabe? Você não as leu. — Mas ele não conseguiu evitar sorrir. Isso poderia realmente funcionar. Se não foi Erin que picotou suas cartas, ela poderia estar aberta a ter a tatuagem de anjo modificada.

— Meu medidor de besteira ainda funciona bastante bem. Na maioria das vezes. — Ela riu, um som mais leve desta vez. — Então, o que mais as cartas diziam, velho amigo?

Merda. Ele realmente desejava que não estivesse dirigindo agora que sabia que Erin não tinha lido o seu pedido. Esse era o tipo de coisa melhor discutido se você estivesse sentado, olhando alguém nos olhos, não dirigindo pela estrada.

Mas era aqui que eles estavam.

— Eu escrevi perguntando se você estaria aberta a me deixar modificar sua tatuagem de anjo.— Ele manteve as palavras casuais, mas ele podia sentir sua surpresa no silêncio que se seguiu.

— Por quê?

Aqui estava à parte complicada, a parte muito mais fácil de explicar em uma carta. Bom, ele não era o tipo de homem que só podia fazer as coisas do jeito fácil.

— Obviamente, as coisas não funcionaram da maneira que planejávamos quando decidimos fazer tatuagens idênticas, Erin—, disse ele, tentando não pensar demais sobre as crianças que tinham sido ou sobre o quanto a amou antes. — Por mim tudo bem. Você fez sua escolha e eu

respeito isso. Mas cheguei a um lugar na minha vida onde eu prefiro não ter uma tatuagem correspondente com uma mulher que eu nem conheço mais.

— E você não pode mudar a sua por causa do seu pai—, disse ela, ponderando baixinho sob sua respiração. — Essa é uma posição fodida para estar.

— Somente se a mulher em questão não estiver aberta a me deixar modificar a tatuagem. — Casual, mantenha isso casual. — Eu tenho todas as minhas coisas no carro, tinta e...

— Isto não é um carro. É uma Expedition[8], pelo amor de Deus. — Ela riu enquanto esticava as pernas e ainda não tocava no piso. — É como metade de um dezoito rodas. Muito diferente do Impala que você tinha no ensino médio, né? Aposto que não morre a cada três dias.

— Eu sou um dos melhores do negócio agora—, disse Blake, recusando-se a se distrair. — Eu era um amador quando fiz esse trabalho em seu ombro. Agora, tenho as habilidades para lhe dar algo realmente bonito e único.

— Embora eu gostasse daquele carro—, disse Erin, cruzando as pernas no assento enquanto ela se estiva para pegar a bolsa no chão. — Ele tinha personalidade.

— E não se preocupe, vou fazer isso de graça.

Ela respirou fundo e franziu os lábios. Mesmo antes de falar, Blake sabia que não iria gostar do que ela tinha a dizer. — Não, você não vai—, ela

[8] O Ford Expedition é um SUV de tamanho normal que é fabricado pela Ford Motor Company.Introduzido para o ano modelo de 1997 como o sucessor do Ford Bronco, a Expedition é o primeiro SUV de tamanho completo vendido com um corpo de quatro portas.

disse, seu tom sério. —Você não vai fazer isso. Me desculpe, Blake, mas não vou mudar a tatuagem.

Sua mandíbula apertou.

— Será que por quinze mil você mudariam de ideia?

Ela olhou duas vezes.

— Você está tentando me subornar?— Ela parecia irritada por um segundo, mas quando falou novamente, sua voz era suave, quase derrotada. — Você sabe o que? Não importa, porque, não, não mudaria.

— Eu entendo que se tornou uma grande parte de sua personalidade profissional, mas...

— Ele *é* a minha personalidade profissional, — disse ela, voltando a vasculhar sua bolsa.

— Como eu disse no bar, acho que você tem algumas coisas...

— Meu nome é Angel agora, por amor de Deus. Não legalmente, mas poderia ser. — Ela virou a viseira e abriu o espelho, fazendo com que a luz se espalhasse pelo seu rosto, mostrando-lhe o quanto ela parecia sinceramente incomodada. — É como eu sou conhecida e a tatuagem é uma grande parte do por que sou conhecida. Agora estou tentando voltar para o negócio de modelos após dois anos. Não posso mudar uma das coisas mais memoráveis sobre mim.

— Isso é compreensível—, disse Blake, sem perder a esperança ainda. — E se eu voltar a trabalhar para que você ainda tivesse um anjo? Eu poderia alongar as asas, mudar as cores, talvez até adicionar algumas sombras escuras de um lado, então parecerá que ela está voltada...

— Eu não posso—, Erin disse enquanto alisava uma embalagem de batom tipo morango. Não, brilho, era como se chamava essas coisas que faziam os lábios de uma mulher brilhar como se tivesse sido beijada ou simplesmente tivesse a boca inchada de...

Não, não deixe sua mente ir lá. Erin ficaria chateada quando percebesse que ele não planejava aceitar uma resposta negativa. Não havia chance de ainda querer dormir com ele, e ele não era o tipo de tomar o que não era oferecido de bom grado.

Exceto o controle sobre o que ela vai ter tatuado em sua pele pelo resto de sua vida. Isso não é tão ruim assim, certo?

— Você pode, Erin, e você vai. Eu vou modificar sua tatuagem neste fim de semana.— Ele forçou as palavras através de seu maxilar apertado, recusando-se a ouvir a voz da razão. — Se você decidir o que quer até domingo à tarde, vou fazer o meu melhor para acatar seu pedido. Se não... Eu vou decidir por você.

— Você está brincando comigo. — Mas a maneira como jogou o batom de volta em sua bolsa com força suficiente para fazê-lo saltar de volta deixou claro que sabia que ele não estava brincando.

Ele levantou um ombro. — Isso é algo sobre o qual eu me importo muito.

— Sim? Bem, eu me importo muito estar longe de...

Ele esticou o braço, fechando sua mão ao redor do braço dela, não suficientemente forte para machucar, mas o suficiente para que ela soubesse que ele falava sério. —Não toque na maçaneta da porta. Você vai se matar se você pular de um carro a cento e trinta. Você me entende?

— Sim. — Ela estremeceu levemente em seu aperto e Blake sentiu a tensão de repente deixar seu corpo. Ela afundou ligeiramente em seu assento, seus lábios separados e seus olhos fechados.

Maldita seja, mas ela parecia quase... Excitada.

Como se tivesse decolado pela maneira controladora que ele a tocou. Como se ela tivesse gostado...

Mas ele tinha que estar interpretando mal as coisas. Erin era uma das garotas mais difíceis que já conhecera, aço puro sob a audácia. Ela era uma lutadora, uma guerreira, não uma submissa, e não havia nada no inicio do relacionamento deles que sugeria que ela queria ser dominada.

Mas então, ela disse que seu ex-marido era 'controlador', e ele não podia ignorar a maneira como a linguagem do seu corpo mudou quando usou a voz do grande e mau dominador, aquela que as mulheres ao redor do salão de Vegas brincavam chamando de sua voz 'Sim, papai'. Era a que ele usava nos clubes de *bondage* em Vegas quando ele precisava se encontrar com aquele lado de si mesmo, a parte dele que precisava comandar o prazer de outro para experimentar plenamente o seu.

Erin poderia...

Apenas talvez...

Havia somente uma maneira de descobrir.



CAPÍTULO SEIS

Blake

— Coloque sua bolsa no chão—, Blake continuou com a mesma voz firme. Depois de um segundo de hesitação, Erin obedeceu, fazendo seu pau se contrair em excitação dentro de suas calças.

Para baixo, garoto. Ela pode estar com medo. Pode não ter nada a ver com sexo.

Era verdade. Ela poderia estar intimidada. Às vezes, ele esquecia que só o seu tamanho era suficiente para assustar as pessoas, mesmo sem a voz assustadora. Ele nunca foi o tipo de pessoa a usar seu volume como uma ferramenta para conseguir o que queria. Ainda assim, era algo que tinha que considerar.

Ele soltou seu braço e suavizou seu tom. — Eu tenho algumas questões. Você me responderá honestamente?

— Sim—, ela sussurrou, sua voz grossa com o que parecia mais desejo do que medo.

— Você está excitada agora?— Perguntou ele.

Ela estremeceu e a respiração dela acelerou, mas não falou.

— Responda-me, Erin—, ele disse, seu pênis inchando dentro de seu jeans. — Você está excitada? Diga-me a verdade.

Um segundo, dois, e depois a palavra que ele não percebeu ter medo de ouvir até que ela disse.

— Sim.

Oh. Porra. Isso não era bom. Ele tinha razão sobre o que Erin queria, mas seria tão errado agir sobre o que aprendeu. Qualquer interação dominante e submissa deveria ser baseada no respeito e confiança. Ele nunca entraria em uma cena casual com uma submissa com qualquer outro plano além do prazer mútuo compartilhado. Usar isso para controlar Erin, persuadi-la a deixá-lo alterar sua tatuagem, seria errado.

Entretanto... Ele não teria que abusar do conhecimento. Uma vez que chegassem à cabana, poderia voltar a tratá-la como um velho amigo e manter todos os esforços persuasivos transparentes. Ou pelo menos não sexuais. No entanto, no momento, ele tinha mais trinta quilômetros antes de estar fora das áreas urbanas e na estrada escura da montanha que levava a sua cabana. Ele não podia se dar ao luxo de Erin pular para a liberdade ou arriscar a chance de alguém notar uma garota amarrada com cordas em seu banco traseiro enquanto ele dirigia pelo centro de San Bernardino. E ele podia pensar na maneira perfeita de manter suas pequenas mãos ocupadas, manter os dedos tão concentrados que ela nem sequer pensaria em ir para a maçaneta da porta.

— Você está molhada?— Ele perguntou antes que tivesse a chance de se desistir de sua decisão.

— Sim. — Erin gemeu suavemente e Blake viu suas mãos se fecharem em punhos em seu colo.

Oh sim.

Ela estava mais do que pronta para o que ele tinha em mente. Estava claro em toda linha tensa de seu corpo.

— Em alguns segundos, eu vou te dizer para se tocar—, disse ele. — Quando eu fizer, quero que você deslize seus dedos dentro e fora de sua boceta. Jogue com você até ficar quente e molhada. Você fará isso por mim?

— Sim. — Ela abriu as pernas e Blake teve que lutar contra o desejo de pegar a próxima saída e encontrar o motel mais próximo.

Seu pau já estava ridiculamente duro, suas bolas doendo como se tivesse levado um chute entre as pernas. Ele ia andar como se tivesse montado sem sela até chegar à cabana. Entretanto, isso era justo. Ele merecia sofrer, especialmente considerando o que ele tinha em mente para Erin.

— Eu quero que você se toque em todos os lugares e em qualquer lugar que seja bom. — Ele fez uma pequena pausa, seu próprio desejo aumentando enquanto Erin ficou perfeitamente imóvel, esperando seu comando. Ela obviamente não era novata e entendia o tipo de prazer que veio em dobrar sua vontade a outra pessoa. — Mas não toque seu clitóris. Essa sua parte é minha durante a próxima hora. Se você gozar sem tocar, tudo bem. Mas se você me desobedecer, se você passar até mesmo o dedo mindinho sobre ele, eu saberei. E você será punida. Você entendeu?

— Eu não concordei com punições e não temos uma palavra segura—, disse ela, sua voz tremendo de entusiasmo.

— Não, você não concordou, e não, nós não temos. Se isso a incomoda, podemos parar agora. — Ele parecia surpreendentemente calmo, considerando a desesperada parte dele que queria que Erin lhe obedecesse, para deixá-lo guiá-la para seu prazer. Ele já podia imaginá-la com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados enquanto ela se aproximava cada vez

mais de gozar na sua própria mão, praticamente podia ouvir o som de seus dedos ansiosos penetrando dentro e fora de sua boceta lisa. — É isso que você quer?

Uma breve pausa e então ela suspirou, relaxando no seu assento. — Não senhor.

A adição do típico termo submisso de respeito enviou outra sacudida de necessidade até seu pau já dolorido. — Bom. Agora, coloque sua mão na frente da calcinha. Eu quero sentir o quanto molhada você está quando chegarmos à saída de San Bernardino.

Erin abriu os joelhos e levantou a saia, dando-lhe uma visão clara quando ela lentamente deslizou a mão abaixo do tecido branco e sobre o montículo. Ela gemeu enquanto pressionava os dedos no fundo do canal, com o som tão grosso com a necessidade de que ele não tinha dúvidas de que fazia um tempo que Erin se entregara a esse lado.

Foi por causa de seu ex? Ele tinha sido um daqueles tipos sádicos que faziam a vida de sua sub um inferno vivo?

Blake tinha encontrado sua parcela de Doms assim, covardes que precisavam pisar na outra pessoa para se sentir como homens. Eles eram o tipo de idiotas que davam uma fama ruim aos verdadeiros dominadores. Blake nunca tinha entrado em um compromisso de tempo integral com uma submissa, mas, se o fizesse, sua menina seria tratada com nada além de bondade.

Verdadeiramente, às vezes ‘bondade’ pode assumir formas não convencionais no mundo do BDSM, onde até castigos e dor poderiam ser considerados gentis se fossem o que a submissa precisasse para gozar, sentir-

se segura e cuidada. Blake tinha jogado com várias mulheres que precisavam ser espancadas, ouvir que eram putas sujas, ou amarradas e amordaçadas e fodidas com o que a maioria das pessoas diria que era falta de gentileza para experimentar seu maior prazer.

Mas ele nunca machucou uma mulher. Ele nunca deixou suas amantes com cicatrizes emocionais ou físicas.

Não como o tipo que Erin tinha adquirido, se as lágrimas que escorriam silenciosamente pelo rosto eram qualquer indicação. Mesmo enquanto ela brincava com sua boceta, claramente excitada pelo que estava fazendo, ela chorou. Ele praticamente sentiu a dor dentro dela combatendo o seu prazer, e foi o suficiente para fazer seu coração desconfortável em seu peito. Ela passou por algo, algo ruim, e ainda sofria dos efeitos colaterais.

Ele poderia acrescentar a essa dor? Mesmo que ela tivesse traído sua confiança? Ele estava mentalmente ferrado pela conexão quase mística que sentia pela única pessoa com quem partilhou uma tatuagem idêntica?

Infelizmente, a resposta a todas as três perguntas era sim.

— Você está a salvo, Erin. Não acontecerá nada que você não queira que aconteça. Pelo menos não até à tarde de domingo, — disse ele, ignorando o flash de consciência que as últimas palavras inspiraram. — Relaxe. Concentre-se no seu prazer, em deixar minha boceta tão molhada quanto possível.

Porra, ele havia feito uma reivindicação sem querer. Entretanto, era difícil não pensar em sua boceta como dele, especialmente quando sabia exatamente como ele iria recompensar sua obediência, com o rosto entre

suas pernas, comendo essa boceta até ela gozar tão forte que não conseguiria lembrar seu próprio nome.

Ele sempre sentiu que Erin era sua, uma parte enraizada tão profundamente nele, que o preocupava que nem eliminar suas tatuagens combinadas a fizesse sair. Ou, ainda mais perturbador, se ele mesmo a *queria* fora.

Se recomponha, Blake. Este fim de semana é sobre recuperar sua vida, não ficar ainda mais obcecado com uma mulher que não dá a mínima para você.

Era verdade. Uma parte dele queria acreditar que Erin o amou quando eram crianças, mas, se ela tivesse se importado realmente, não teria agido do jeito que fez. Ela não teria prometido a ele um para sempre e depois fugido tão rápido e tão longe quanto podia no dia seguinte. Ele tinha que seguir com o que planejou, sem importar quão tentador fosse brincar de troca de energia com Erin todo o fim de semana e esquecer por que eles estavam presos em uma cabana no meio do nada.

Ele escolheu o local porque não queria que ninguém visse ou ouvisse se ela não fosse cooperativa, mas também seria o lugar perfeito para organizar uma cena privada. Ninguém poderia ouvi-la gritar quando gozasse, uma e outra vez, no seu rosto, em suas mãos, no seu pau, no seu...

— Deus, Blake. Estou tão molhada, — disse ela, torcendo-se inquieta no assento ao lado dele. — Você vai me foder?

— Você quer que eu foda você?

— Sim... Por favor. — Ela gemeu novamente, e sua mão se moveu mais rápido entre suas pernas, dirigindo dentro e fora de seu calor liso, mas não

tocando seu clitóris. Ela estava sendo obediente, fazendo o seu melhor para obter sua aprovação. — Eu quero que você me foda. Difícil.

Merda.

Difícil. Era exatamente o que seria resistir a não se perder em Erin. Tão difícil quanto a ereção pressionando tão ferozmente contra seu zíper que Blake jurou que podia sentir os dentes metálicos através da cueca boxer.



Erin sentiu como se fosse morrer. Aqui e agora. Por combustão espontânea da força da sua frustração sexual. Em sua lápide, eles escreveriam: — Se ao menos ela pudesse ter gozado antes que fosse tarde demais.

— Por favor... Por favor, Blake. — Erin gemeu, movendo a mão mais rapidamente, dirigindo os dedos para o lugar dolorido e machucado que sua boceta se tornou. Ela nunca tinha estado tão quente ou tão molhada, nunca foi colocada à beira de um orgasmo avassalador por tanto tempo sem poder gozar.

Era uma tortura. Tortura pura, horrível e *maravilhosa*.

— Só mais alguns minutos. Há uma saída da rodovia onde podemos estacionar em cerca de oitocentos metros. — A voz de Blake era apaixonada enquanto atravessava a escuridão quase completa da estrada da montanha.

Ela queria estapeá-lo. E depois fode-lo.

Ela queria abrir sua calça e atravessá-lo, montando seu pau enquanto ela afundava os dentes nos grossos músculos de seus ombros. Ela queria sentir suas mãos fortes apertando a carne de seus quadris, realçando seu prazer com um pouco de dor. E então queria que ele a punisse por mordê-lo sem permissão, que ele a virasse sobre o joelho e espancasse sua bunda até...

— Deus. Por favor! Agora!— Ela não podia aguentar muito mais, e seus pensamentos sombrios certamente não estavam ajudando em nada. Sua respiração estava ofegante e rápida, e todo o seu corpo parecia um gritante nervo exposto.

Ela precisava vir. Agora. Não em mais alguns minutos.

— Abaixe sua voz, doçura—. E então ele desacelerou, parecendo como se estivessem rastejando pelo lado da montanha em uma carroça puxada por cavalos. Não havia ninguém mais na estrada quase as duas da manhã. Ele poderia dirigir a dez quilômetros por hora se quisesse, certificando-se de que só chegar a esse desvio pela manhã se ela não fosse obediente.

Deus. Amaldiçoe. Ele.

Erin pressionou os lábios, a parte dela que queria dizer-lhe para se foder batalhando com a parte que estava disposta a fazer *tudo* para ganhar a aprovação de Blake. A partir do segundo que ele usou aquela profunda e sedosa voz de Dom sobre ela, ela estava perdida. Não importa quão assustada ficou que o doce garoto que conhecera se transformara no tipo de homem que tatuava outra pessoa contra a sua vontade, esse choque desaparecera quando percebeu o que ele se tornara.

Dominante.

Maravilhosamente, perfeitamente dominante.

Nos últimos quarenta minutos, ele a controlou mais completamente, mais habilmente do que Scott havia conseguido em três longos anos. Era mais do que o tom de sua voz, ou a maneira como ele manteve a calma, não importando o quanto ela o tentasse a pôr fim a sua tortura com uma rapidinha na parte de trás do Expedition - e ela tentara todos os truques

sujos que poderia pensar que não violavam expressamente a ordem de Blake de não tocar seu clitóris.

Era outra coisa, algo que ela não conseguia decifrar, que a fazia querer agradá-lo, para ser uma boa submissa de uma maneira que nunca tinha sido antes. Ele emitia uma aura de dominância, uma que a alcançava e a cercava em êxtase quando ela o agradava e congelava seu sangue nas veias quando não estava. A estranha sensação a fez sentir-se ligada a ele. Era como se eles já tivessem feito amor, mesmo que ele nem tivesse respirado muito perto dela.

Fazendo amor…

Uau. De jeito nenhum. Ela *não* iria entrar nisso.

Ela se submeteria a Blake, transaria com Blake, mas não haveria *amor*. Ela não precisava da complicação dessa emoção em particular. Mesmo que o fizesse, Blake nunca mais faria amor com ela, do jeito que costumava fazer tantos anos atrás. Ela tinha quebrado seu coração e suas promessas, duas coisas que sabia que até mesmo o Blake de dezoito anos nunca perdoaria, e muito menos o homem endurecido que ele se tornara.

A realização foi suficiente para esfriar sua luxúria alguns graus até que ele falou novamente.

— Tire sua camisa—, disse ele. — Eu quero ver você brincar com seus mamilos.

Oh. Deus.

Ele sabia o quão sensíveis eram seus seios, como tinha estado pronta para ir para um home run[9] na primeira vez que o deixaria chegar à segunda base na parte de trás de seu Impala. Apenas alguns minutos brincando com seus mamilos e ela estaria molhada e pronta, praticamente morrendo de vontade de sentir Blake dentro dela, não importa o quão péssimas suas primeiras experiências com meninos haviam sido.

— Agora, Erin. Faça com que eles fiquem duros para mim. — Ele estendeu a mão e desabotoou suavemente o botão superior de sua camisa. — Eu quero seus mamilos inchados quando os pegar na minha boca.

Ela não conseguiu tirar a maldita camisa com rapidez suficiente.

Seu sutiã seguiu um segundo depois, e então suas mãos estavam sobre seus seios já doloridos, apertando, acariciando, rolando seus mamilos entre os dedos e os polegares até que eles doessem. O calor úmido e escorregadio dos dedos que tinha estado em sua boceta manchou a carne firme, aumentando o prazer até que ela se contorceu na cadeira.

— Blake. Por favor, Blake,— ela sussurrou, fechando as coxas, buscando alívio da tortura erótica que ele estava a forçando a se infligir.

Seus olhos saíram de seus peitos para a estrada e sua respiração finalmente começou a acelerar. Ele a queria. Então, Deus, por que ele não a fodia? Se ela tivesse que esperar um segundo mais para sentir seu pênis dentro dela, iria gritar.

- [9] Metáforas de beisebol para o sexo que descreve o nível de intimidade física. *Primeira base* - beijo na boca, beijo francês ;
- *Segunda base* - toque / beijar pele a pele dos seios; em alguns contextos, pode referir-se a tocar em qualquer zona erógena através das roupas (ou seja, não tocar na pele) ;
- *Terceira base* - tocando abaixo da cintura (sem sexo);
- *Home run* (*base* ou *pontuação*) - relações sexuais —completas—.

Ou tomaria o assunto em suas próprias mãos. Cada sub tinha um ponto de ruptura e ela estava alcançando o dela.

— Não faça isso, Erin—, ele advertiu como se tivesse lido seus pensamentos. — Estamos quase lá. Mantenha as mãos em seus tetas.

— Eu odeio a palavra ‘tetas’, — ela retrucou, seu tom uma mistura entre um gemido e um rosnado. Como ele sabia? Ela não tinha dado nenhum sinal de estar planejando mover as mãos.

Ele riu, um ruído profundo que fez vibrar seus nervos já zumbindo. — Mesmo? Você não é uma garota de ‘tetas’?

— Foda-se. Você sabe que eu sou. Eu simplesmente não gosto da palavra. — Por uma fração de segundo, ela se perguntou se Blake iria revogar sua capacidade de falar por seu tom rebelde, mas o bastardo só riu novamente.

— Isso é uma vergonha. Eu gosto da palavra 'tetas’. — Ela podia imaginar o sorriso de merda que ele tinha em seu rosto, que não podia ver mais do que o seu perfil no luar fraco. — Eu gostaria especialmente se eu estivesse fodendo sua boca, bombeando entre seus lábios bonitos. Eu lhe diria que estava prestes a gozar e viria em suas tetas.

Oh. Meu. Deus.

O corpo inteiro de Erin estremeceu.

— Então eu gozaria, quente e grosso por toda sua pele macia, — ele disse, aumentando seu desejo a um nível insuportável. — Eu esfregaria meu pau por todo seu peito, espalharia meu gozo em seus mamilos, brincaria com você até que eu estivesse duro novamente e depois empurraria seus lindos

seios juntos e os foderia. Gostaria disso, Erin? Que eu fodesse seus seios enquanto você se masturba?

Ela quase gozou nesse momento. O homem era um mestre sujo. Antes que ela pudesse lembrar-se das palavras que precisava dizer a ele, sobre quão quente a ideia dele fodendo seus seios a fez, ele falou novamente.

— Tire sua calcinha, mas deixe seus sapatos, — disse Blake enquanto fazia uma curva na estrada e um ponto de parada apareceu. — Chegamos.

Erin nunca esteve tão emocionada de ver uma área de estacionamento em sua vida. Ou tão assustada.

O que havia de errado com ela? Isso é pelo que ela estava morrendo desde o segundo que Blake lhe disse para colocar sua mão na frente de sua calcinha. Por que de repente ela estava assustada com o que iria descer entre eles? Ela queria isso, precisava dele mais do que alguma vez precisou de alguma coisa.

Aí está o seu problema. E isso depois de menos de duas horas com o homem. Em que estado você vai estar dentro de dois dias?

Mas não havia tempo para ouvir a parte cautelosa de sua mente. Blake já havia parado um espaço perto das barras de proteção na beira da área de observação.

— Saia do carro. Coloque as mãos no capô e espalhe as pernas, — ele disse enquanto tirava as chaves.

Erin estremeceu. — Mas eu não estou vestindo uma camisa.

— Saia do carro—, ele repetiu com calma. — Coloque as mãos no capô.

— E está congelando lá fora,— ela disse, enquanto pegava na maçaneta da porta.

Ela estava protelando. Ela realmente não se preocupava com o frio ou a ameaça de ser pega meio nua. Inferno, ela achou a ideia de que pudesse ser vista incrivelmente excitante.

Mas era como se o conhecimento de que eles *realmente* fariam sexo, tivesse finalmente penetrado em sua mente entediada.

Ela iria fazer sexo. Pela primeira vez em *dois anos*. Com *Blake*.

Seu Blake, uma das únicas pessoas que ela já deixou entrar em seu coração, e uma das muitas pessoas que ela desistiu em sua vida relativamente curta.

E se ele a odiasse secretamente por isso? E se ele nunca a perdoasse por deixar Carson City sem lhe dizer? Ela estava arriscando ficar ainda mais mentalmente ferrada do que já estava permitindo que ele a dominasse, confiando nele com seu bem-estar enquanto estava em um lugar tão vulnerável? E se ele...

— Não se preocupe—, ele disse, estendendo a mão, passando os nódulos suavemente pela curva de sua mandíbula. Ela ainda não podia ver seus olhos, mas o tom gentil de sua voz afastava todas as duvidas. Era como se ele soubesse, mais uma vez, o que estava passando por sua mente mesmo antes dela. — Eu vou te manter aquecida. Agora, saia do carro. Estou pronto para foder minha boceta.

Erin tropeçou fora do carro, o vento frio tirando o fôlego por um segundo. Havia uma grande diferença entre as temperaturas da montanha e as temperaturas de Los Angeles nos meses de inverno. Eles estavam a menos

de três horas da cidade, mas já havia pelo menos uma queda de tempestade de trinta graus e era propenso a ficar ainda mais frio enquanto eles subiam.

Ela nem sequer tinha um jeans para cobrir suas pernas, muito menos um casaco ou o tipo de sapatos que ela precisaria se ela tentasse fugir de Blake. Claro, isso provavelmente era parte da razão pela qual ele havia escolhido as Montanhas de San Bernardino. Elas eram escassamente povoadas nos meses de inverno e sua roupa inapropriada a manteria presa, garantindo que ela permaneceria sua cativa.

Essa realização deveria tê-la assustado, mas, em vez disso, apenas intensificou a dor entre suas pernas. A ideia de ser mantida contra sua vontade, pelo menos por Blake, a deixava dolorosamente excitada.

O que acabou por mostrar que sua libido era ainda mais torcida do que ela assumira.

— Mãos no capô, doçura, deixe-me sentir o quão úmida está a minha boceta. — O corpo grande e quente de Blake estava atrás dela então, bloqueando o vento, envolvendo-a em sua energia, banindo os pensamentos de qualquer coisa além dele.

Erin colocou as mãos no capô aquecido pelo motor. Assim que as pontas dos dedos fizeram contato com o Expedition os dedos de Blake estavam entre suas pernas, fazendo-a gritar com alívio. Apenas seu toque foi suficiente para banir um pouco do desespero, para levá-la muito mais perto da conclusão.

Ele gemeu suavemente enquanto tocava suas dobras, sentindo sua excitação escorrer pelo interior de suas coxas, como seus lábios estavam dilatados e inchados com a força de sua necessidade. De um lado a outro de

sua boceta, ele rastreou cada polegada de sua carne dolorida até que finalmente seu dedo escovou levemente seu clitóris, fazendo com que seus joelhos se curvassem.

— Blake—, ela gritou, sabendo que teria caído se ele não tivesse colocado um braço forte em torno de sua cintura, pegando-a, segurando-a na vertical enquanto continuava provocando seu clitóris com uma pressão suave e insistente.

— Deus, você está tão molhada—, ele murmurou, seus lábios provocando seu pescoço, fazendo-a ainda mais dolorida. Sua mão se afastou de sua boceta, uma ação que ela estava prestes a protestar antes de senti-lo trabalhar no seu zíper atrás dela. — Você ainda quer meu pau dentro de você?

—Sim, sim, sim. — Lágrimas de alívio caiam por suas bochechas e seu corpo inteiro começou a tremer com antecipação.

Finalmente! Parecia que estava esperando anos por ele, por seu toque, pela sensação de seu pau surgir, quente e pesado, de suas calças, pressionando entre as bochechas de sua bunda.

— Eu vou foder minha boceta agora, Erin. — A respiração de Blake era quente contra sua bochecha enquanto sussurrava por seus cabelos. Erin ouviu o som da embalagem sendo rasgada e depois, segundos depois, sentiu a cabeça do pau de Blake em sua abertura. — Incline os quadris.

Erin obedeceu e então, um momento depois, ele empurrou para dentro dela.

Seu pau grosso esticou suas paredes internas até o limite, enchendo-a completamente, possuindo cada centímetro de sua boceta com apenas um

impulso rápido. Erin gemeu com prazer, tonta com a sensação familiar dele, o cheiro dele, a legitimidade de estar exposta a Blake. O ar frio, o corpo quente e o calor escaldante de seu pau eram quase o suficiente para levá-la ao limite. Então ele moveu os dedos sobre seu clitóris, e ela estava caindo.

Ela gritou quando gozou, seus joelhos se dobraram, seus pés saíram do chão quando o orgasmo rasgou seu corpo com uma força diferente de qualquer coisa que já sentiu. Seu canal pulsou e apertou onde Blake estava parado, ainda enterrado profundamente dentro dela. Suas unhas agarraram o metal sob suas mãos, e seus mamilos praticamente queimaram com sensação áspera. Cada centímetro de sua pele estava em chamas, consumido pela felicidade do orgasmo por tanto tempo negado.

A parte inferior do seu ventre se contraiu, mais e mais, até que fosse quase doloroso. Seu clitóris pulsava e latejava sob o firme toque de Blake, deixando-a ofegante. Em segundos, sua cabeça estava girando, as luzes dançavam atrás de seus olhos fechados enquanto ela montava as ondas do orgasmo que tinha tomado controle sobre ela, corpo e alma.

Não, não o orgasmo. Blake.

Blake era o único no controle. Em perfeito, contido, controle dominante, um fato que ele deixou claro quando ele beliscou seu clitóris entre os dedos e sussurrou em seu ouvido: — Goze novamente, Erin. Agora mesmo. Goze no meu pau.

E ela fez. Oh, Deus, ela fez, outro orgasmo ofuscante ainda mais poderoso do que o primeiro. As lágrimas escorreram pelo seu rosto quando ela voltou para sua pele, sentindo a alma se tornar grande e pequena demais para o seu corpo, ao mesmo tempo. Ela não encaixava dentro de sua carne

do jeito que fazia antes e foi assustador por um momento, mas então Blake também se ocupou disso.

— Coloque seus pés no chão. — Assim que ela obedeceu, balançando ligeiramente, ainda instável em seus pés, ele começou a fodê-la.

Não fazer amor, não fazer sexo. Foder.

Ele martelou sua boceta sem piedade, batendo com tanta força que ela teve que se firmar no capô e empurrar para trás contra ele, para não ser colada sobre o carro. Não era romântico; não era emocional. Era difícil, rápido, brutal. Em uma palavra, perfeito, exatamente o que precisava para aterrissar na terra.

E para chegar ao limite do orgasmo pela terceira vez.

Erin espalhou as pernas um pouco mais e empurrou para trás contra Blake enquanto ele avançava, intensificando a penetração até sentir a cabeça de seu pau fazendo contato contundindo o final de sua boceta. A pitada de dor fez outro fluxo de calor úmido correr entre suas coxas e Blake grunhiu atrás dela. Suas mãos levantaram a saia e seguraram seus quadris, cavando os dedos na carne cheia de seu traseiro.

— Mais forte, mais forte! — Erin implorou ofegante, enquanto a tensão dentro dela era construída até um nível que nunca sonhara possível.

Ela gozaria novamente ou explodiria em um milhão de pedaços, e ela realmente não se importava com qual. Enquanto Blake continuasse a fodê-la, tocá-la, fazendo-a gozar.

— Não goze. Ainda não. Espere por mim. Espere, — exigiu Blake, mesmo que ele a forçasse apertando sua bunda ainda mais.

— Oh Deus. Oh, Deus. — Erin lutou para obedecer, mas oh, foda, era difícil. Ela estava tão perto, tão terrivelmente perto, e ele era tão incrível.

Seu pau realmente parecia ficar cada vez mais grosso quando ele se aproximou de seu próprio orgasmo, esticando sua boceta ainda mais, fazendo-a sentir tão cheia dele que não havia espaço para nada mais. Nada além de Blake. E era perfeito, melhor do que qualquer coisa que ela pudesse lembrar, mesmo as outras vezes que esteve com ele.

— Agora. Eu quero que minha boceta goze agora.— Ele pontuou suas palavras, empurrando seus quadris nela, enterrando-se tão profundamente dentro dela que a sugestão de dor quando ele encontrou o fim dela, tornou-se suficiente para fazê-la estremecer e gozar como se o mundo estivesse terminando em uma grande explosão de fogo.

— Porra! Blake!— Ela gritou com mais algumas outras coisas que ela não conseguia lembrar enquanto sua mente girava dentro do crânio, como se ela tivesse tomado uma garrafa de Jack Daniel e sua boceta estivesse tentando partir o pau de Blake ao meio.

Ela gemeu quando ele empurrou dentro dela, cada pequeno movimento, o suficiente para levá-la ainda mais alto.

Ela nunca se sentiu tão ligada a um amante, como se o seu prazer fosse dele, como se cada onda de seu orgasmo desencadeasse outra de êxtase dentro dela. Era mais do que esperava, ultrapassando o que ela conhecia quando finalmente desceu do seu primeiro orgasmo triplo.

Orgasmo triplo.

Ela gozou *três* vezes e Blake nem parecia ter se esforçado tanto. O que ele seria capaz se eles se tornassem amantes regulares novamente, se tivessem tempo de reaprender as pequenas coisas que...

Que porra você está pensando?

Ele não quer se tornar seu amante; ele a despreza tanto que não consegue suportar a ideia de que você tenha uma tatuagem igual e está disposto a alterar permanentemente a maldita coisa sem seu consentimento. Coloque sua cabeça no lugar e descubra uma maneira de sair daqui antes que seja tarde demais.

— Volte para o carro e se aqueça. Ainda estamos a cerca de vinte minutos da cabana, — disse Blake enquanto ele se afastava dela, a perda de contato entre eles tão deprimente quanto o monólogo interno. — Obrigado... Pela confiança.

Ele beijou suavemente o topo de sua cabeça enquanto baixava sua saia, mas o gesto afetuoso não fez nada para impedir que a raiva fluísse lentamente em suas veias, substituindo a euforia de alguns momentos antes.

Obrigado por sua confiança. *Sua confiança?* Foi apenas isso?

Nenhum 'Você foi incrível' ou 'Essa foi a foda mais quente da minha vida'? Ou mesmo um 'Maldição, mal posso esperar para ter você novamente'?

Não, ele só queria agradecê-la por *sua confiança*.

Ele não era o grande, mau e indisponível Dom? Assim como Scott tinha sido durante o primeiro ano de casamento, quando ainda fazia amor com ela, mas nunca teve uma palavra amável ou afetuosa. Nunca a fez sentir como qualquer coisa, exceto uma sub no pior sentido da palavra.

Sub-humana.

Isso era o que ela tinha sido para Scott, e o que ela prometeu nunca mais ser para nenhum homem.

Faróis viraram a curva apenas um segundo depois. Era como se algum poder divino tivesse ouvido seus pensamentos e decidiu que ela merecia uma chance de liberdade. Erin correu para a estrada sem hesitar, ignorando a nudez ou a voz de Blake atrás dela, ordenando que ela voltasse para o carro.

Foda-se ele e suas ordens. Ela estava saindo daqui. Em poucas horas, ele tinha ficado sob sua pele até o ponto em que sua falta de conversa de travesseiro depois de terem feito sexo a tinha machucado. Que tipo de dano ele poderia infligir em alguns dias?

Erin não fazia ideia, mas não estava disposta a descobrir.

Seus saltos clicaram loucamente no pavimento enquanto ela corria pela estrada, passos rápidos e pesados atrás da sua salvação.

***

Prepare-se para mais calor, mais suspense e mais do grande e mau, Blake Roberts. Continua....